

# Mídia e educomunicação - O prazer de ler criticamente

*Cristiane Parente*<sup>1</sup>

## **Resumo**

Nos dias atuais, como lemos os textos do mundo e os calamos dentro de nós dando a eles tempo de maturação, reflexão e transformação da informação em conhecimento? De que forma a escola pode contribuir com o ensino da leitura crítica do mundo e dos meios de comunicação? Como as tecnologias de informação e comunicação devem ser usadas no sistema educacional? Este texto levanta algumas questões e pretende contribuir com reflexões a partir das perspectivas da mídia-educação e da educomunicação no sentido da formação de um sujeito autônomo, crítico e não apenas consumidor, mas produtor de informação.

**Palavras-chave:** Mídia. Educomunicação. Tecnologias. Educação.

---

1 Jornalista, Professora, Consultora em projetos de Comunicação e Educação e Media Literacy. Doutoranda/Pesquisadora do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Portugal); Máster en Comunicación y Educación pela Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha); Mestre em Educação, Tecnologias e Comunicação pela Universidade de Brasília (UNB).

E-mail: cristiane.parente@hotmail.com

## 1 . Tempo de leituras, tempo de reflexão

### A função do leitor

Quando Lucia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite, ocultando o livro debaixo do travesseiro. Lucia tinha roubado o romance da biblioteca de cedro onde seu tio guardava os livros preferidos. Muito caminhou Lucia, enquanto passavam-se os anos. Na busca de fantasmas caminhou pelos rochedos sobre o rio Antioquia, e na busca de gente caminhou pelas ruas das cidades violentas. Muito caminhou Lucia, e ao longo de seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância. Lucia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é dela. (GALEANO, 2002, p. 19)

A história acima, escrita por Educado Galeano, nos instiga a refletir sobre quantos livros, quantas leituras temos deixado crescer dentro de nós. Quantas vezes conseguimos ler um texto do mundo e temos tempo para digerir, amadurecer e gerar frutos, conhecimentos e consistência acerca desse conteúdo? Quantas vezes somos surpreendidos por palavras, imagens, pensamentos, mensagens que acabamos por reproduzir sem que o devido tempo de silêncio dentro de nós tenha sido respeitado? A velocidade com que são produzidas informações atualmente e a diversidade de suportes em que elas são veiculadas tem nos deixado tempo para ler o mundo com prazer e criticidade? Como a escola tem refletido e trabalhado essas questões?

O que caracteriza a leitura crítica da mídia, por exemplo, em um mundo de tantas mensagens, diversas linguagens, recursos e permeado por telas e imagens que representam uma polissemia de difícil controle e compreensão?

Para Fecé (2007) uma teoria e uma pedagogia crítica dos meios audiovisuais deveriam levar em consideração como as instituições e o público constroem o significado das imagens. Ou seja, refletir sobre o conceito de representação e essa suposta naturalidade das imagens

e transparência da mídia, que faz com que elementos históricos e da natureza sejam confundidos, perdendo-se assim, a dimensão histórica dos fatos.

Quando falamos em leitura crítica da mídia, devemos considerar todos os objetos que formam parte do universo do indivíduo leitor e os produtos audiovisuais que consumimos; levar em conta as diversas leituras que podem ser feitas de um texto, independentemente do suporte em que ele se encontra (livro, tv, rádio, cinema, internet...). Para isso, deve haver uma prática criativa na qual um estudante, por exemplo, possa relacionar pensamento e experiência e não ter como certo que as coisas são o que são, mas ver a possibilidade de sua ação no mundo e ter a noção que toda leitura crítica tem uma dimensão política.

Para além de buscar compreender e debater o conteúdo da mídia, é importante entender como funciona e que efeitos pode gerar. Ferrés (1996) defende ainda o conhecimento sobre o cérebro emocional e como ele influi no consumo de mensagens, questão bastante estudada entre os produtores de publicidade e de programas para os meios audiovisuais, por exemplo, mas ignorada pelos educadores, que muitas vezes ainda encontram-se cindidos entre razão e emoção acerca do uso dos meios em sala de aula.

## **2. Educação, mídia e tecnologias da informação e comunicação**

Masterman (1993) defende que a mídia seja estudada nas escolas por vários fatores. Desde o tempo a que nos dedicamos a ela ao fato dos meios moldarem nossas ideias e percepções do mundo, além de serem “empresas de conscientização”. São sete as razões apontadas por Masterman para estudar a mídia na escola:

- 1 - O alto índice de consumo dos meios e sua saturação na sociedade contemporânea;
- 2 - A importância ideológica dos meios e sua influência como empresas de consciência;
- 3 - O aumento da manipulação e fabricação da informação e propagação pelos meios;
- 4 - A penetração crescente dos meios nos processos democráticos;
- 5 - A importância crescente da comunicação e da

informação visual em todos os campos; 6 - A importância de se educar os alunos para que façam frente às exigências do futuro, e 7 - O incremento das pressões nacionais e internacionais para privatizar a informação (MASTERMAN, 1993, p. 16).

A integração da mídia e das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas é defendida por Belloni (2001), que ressalta duas dimensões dessa inserção que não podem ser dissociadas: a visão das TIC e da mídia enquanto ferramentas pedagógicas e também como objeto de estudo complexo e multifacetado. A autora usa o termo Mídia-Educação para trabalhar essa relação, assim como Fantin (2006), ao se debruçar sobre as diferentes abordagens e conceitos que relacionam mídia e educação. Segundo a autora, a justificativa para tal opção dá-se pelo fato de que a relação que ocorre entre as duas áreas acontece na interface, sendo assim mais justo colocar as palavras juntas, dando igual relevância e espaço aos dois campos, sem hierarquizações.

Para Fantin, educar para as mídias:

implica a adoção de uma postura crítica e criadora de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também. (FANTIN, 2006, p.31)

Acrescentamos a essas definições a perspectiva da Educomunicação que, segundo Soares (2011), tem suas origens em práticas sociais na América Latina, que foram se consolidando na segunda metade do século XX. Para o autor, Educomunicação pode ser definida como:

o conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e a desenvolver ecossistemas comunicativos avertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (2011, p.22).

Segundo Soares (2001), a Educomunicação é composta por algumas áreas: educação para a comunicação (que envolve a compreensão dos processos midiáticos, sua leitura e recepção críticas); a expressão

comunicativa através das artes (que destaca o potencial emancipador e criativo das manifestações artísticas); mediação tecnológica na educação (que refere-se ao acesso e uso democrático das tecnologias no ambiente educatico e a sua gestão); a pedagogia da comunicação (que relaciona-se com a didática e com o trabalho realizado em parceria entre educandos e educadores e, se possível e conveniente, optando pela pedagogia de projetos); a gestão da comunicação (que refere-se ao planejamento e avaliação do ecossistema comunicativo, uso das melhores técnicas de intervenção no campo educativo para melhorar a comunicação e o uso das tecnologias, etc) e, por fim, a reflexão epistemológica (ou o estudo do campo, com a preocupação de sistematizar experiências de inter-relação comunicação-educação).

Para Jacquinot, o educador, professor do século XXI, é aquele que:

Tem consciência de que uma educação de massa e multicultural vai além da simples aquisição de conhecimentos escolares; Percebe que a riqueza dos meios não está apenas no conteúdo informativo, mas também na maneira como eles fornecem uma representação do mundo; Sabe que a introdução dos meios como objeto de estudo não tem por finalidade formar um jornalista (...) mas sim ensinar seus alunos a analisar seja os diversos pontos de vista, seja as montagens do discurso e da cena que constroem as mensagens; Aceita um novo referencial para a relação educador-educando. Os novos alunos podem ensinar o professor assim como ensinam uns aos outros e está convencido que a emissão não é um ato passivo (...). (JAQUINOT, apud VIVARTA, 2004, p. 261).

Martín-Barbero (2002) critica o uso instrumental dos meios e defende o pensar, a reflexão, a inserção da escola num ecossistema comunicacional que é ao mesmo tempo experiência cultural, entorno informacional e espaço educacional, difuso (porque possui uma rica variedade de linguagens e saberes em suportes midiáticos diversos) e descentralizado. Um lugar onde a descoberta do aprendizado pudesse manter seus encantos. Onde se pudesse analisar e criticar sem perder o dom de se emocionar e de criar.

Ou seja, não apenas apropriar-se dos meios e pensar em seus efeitos, mas refletir e compreender a emergência de outra cultura, de novos

modos de ver, perceber, ler, compreender o mundo, ressignificar esse mundo, representá-lo; novas linguagens e modos de participação.

Vale lembrar, inclusive, que Paulo Freire (1996) já falava sobre leitura crítica do mundo (e conseqüentemente dos meios) como uma maneira de desenvolver a autonomia dos sujeitos.

### **3. Desmistificar, desconstruir para compreender**

Segundo McLuhan (2005) é impossível compreender as mudanças sociais e culturais de uma sociedade, sem que se conheça o funcionamento de sua mídia. Para que isso aconteça é preciso desmistificá-la, desconstruir as formas em que representam a realidade para que seja possível, a cada indivíduo, a elaboração de suas próprias representações. É preciso descobrir as regras e os códigos da mídia, aprender a percorrer seus labirintos.

Uma educação para a mídia deve levar em conta a capacidade dos educadores de experimentarem o ato de serem espectadores e tomarem contato com suas emoções e verificarem a importância do inconsciente nesta experiência.

Há que se pensar também que é impossível não termos uma nova alfabetização em plena Sociedade da Informação, quando vivemos um contexto em que as novas tecnologias estão tão enraizadas em nossa cultura que se tornam transparentes, imperceptíveis. E, para além dessa questão, não são neutras; o que demanda um estudo ainda mais cauteloso de seus conteúdos e efeitos positivos e negativos.

Aguaded Gómez (2003) destaca que uma pedagogia da imagem, por exemplo, deve contribuir para a formação crítica dos espectadores/receptores em relação aos meios e a sua realidade, tornando-os alfabetizados midiaticamente. Essa alfabetização deve permitir que o espectador/receptor seja também um sujeito participativo capaz de responder criticamente as mensagens que recebe e ser um criador/emissor.

Esse criar sua própria mensagem, ser um emissor e receptor ao mesmo tempo, tem a ver com levantar os olhos do texto, que Barthes (1992) defende. O autor afirmava que o bom leitor é aquele que levanta

os olhos do texto, reflete sobre ele, cria seu próprio roteiro, suas próprias imagens, a partir do momento em que levanta a cabeça e pensa nos personagens, na história e vai além do que o texto propõe. De outro lado, os meios audiovisuais parecem querer impedir que os indivíduos tirem o olho da tela e resignifiquem as mensagens que recebem, residindo aí a importância das análises, pesquisas, de uma postura educacional em relação aos meios e aos textos do mundo.

Fecé (2007) critica o que ele chama de rechaço à análise, causado pela suposta evidência das imagens, principalmente quando se trata de textos informativos. Encontramos, dessa maneira, reflexões centradas praticamente só na eficácia dos meios enquanto ferramenta pedagógica, ou seja, de forma acrítica ou instrumental.

Porém, as mudanças que estamos vivendo atualmente, nos impõem um repensar de nossas atitudes frente aos meios e às formas de ensinar, aprender, adquirir conhecimento e relacionar-se. Relações que estão cada vez mais influenciadas por sistemas de representação como os propagados pela mídia.

A introdução de meios e das novas tecnologias nos sistemas educativos, então, é urgente como uma maneira dos alunos se familiarizarem com eles, apesar dessa introdução ainda não estar tão clara quanto a seu modo de ocorrer.

Um uso criativo e crítico dos meios e das novas tecnologias permitiria, por exemplo, uma apropriação crítica de seus conteúdos, uma discussão não só sobre o que é mostrado, mas sobre os porquês. E nenhuma discussão profunda pode dispensar os porquês. São eles que revelam e ajudam a interpretar a complexidade da realidade.

A introdução definitiva de uma educação para a comunicação e a mídia/os meios na escola significa abri-la para seu contexto, para o mundo a sua volta, até porque boa parte do conteúdo que sabemos sobre o mundo ou a ideia que temos da realidade está mediatizada.

Um dos pontos altos de uma educação para a mídia ou ainda da implantação da educação nas escolas e nos sistemas de educação em geral (sejam eles formais, informais ou não-formais) é quando os alunos têm a oportunidade de eles próprios criarem suas próprias

mensagens a partir de diferentes suportes e experimentarem serem sujeitos produtores, conscientes das possibilidades e limitações de cada mídia, da dimensão estética e ética dessa produção, da “realidade editada” que vão veicular, da força e do poder que uma palavra possui, das escolhas e pontos de vista a serem usados, da importância de terem em conta o respeito aos direitos humanos antes de qualquer publicação, entre outros pontos.

#### **4. Por uma pedagogia das imagens**

Masterman (1994) propõe três paradigmas para a educação audiovisual ao longo da história: O modelo protecionista, que tem como objetivo proteger o aluno do mau gosto e da manipulação dos meios; O modelo avaliador, que ensina o aluno a ter capacidade de escolher entre objetos da cultura popular e aqueles com um perfil mais elitizado, intelectual e, por fim, o modelo representacional, baseado na semiótica, segundo o qual os meios audiovisuais não operam como espelhos da realidade, mas como produtores ou construtores dessa realidade.

A palavra-chave aqui seria representação, que pode ser definida segundo Fecé (2007) como o processo, pelo qual, membros de uma cultura usam a linguagem para produzir significados.

Importante perceber esse aspecto, tendo em vista que os objetos por si só não possuem um significado. Isso só acontece quando um indivíduo lhe interpreta e, assim, lhe atribui um significado. É aí que entra a representação; classificando e organizando o mundo em categorias e estabelecendo regras de apropriação. Esse é um dos motivos pelos quais Fecé (2007) destaca que não é possível continuar com a visão fatalista de que os meios são manipuladores e o público indefeso, inocente. Ele defende que entre os meios e o público se estabelece uma dialética de negociação no processo da recepção que depende das condições sociais, ou seja, não se pode fazer uma análise crítica dos meios limitando-se ao texto, mas deve-se levar em consideração o contexto, as condições sociais, econômicas, políticas e culturais de uma produção e recepção.

## 5. Reflexões finais

Independentemente da abordagem que queiramos utilizar (e ressaltar que só citamos algumas), a integração da mídia nas escolas não pode ser apenas tecnicista, instrumental. O objetivo é procurar responder aos desafios culturais, sociais e tecnológicos que se nos apresentam hoje, estabelecendo um ensino crítico e reflexivo capaz de formar com/pela/para a mídia, interpretando os diversos textos do mundo.

Para nós, essas três dimensões devem ser trabalhadas conjuntamente, permitindo que os educandos tenham uma compreensão de como operam os meios e de seu processo de produção; da leitura crítica dos meios e mensagens e também apropriando-se crítica e criativamente dos mesmos, numa dimensão mais autoral.

Nesse sentido, destacamos a fala de Caldas, quando afirma que:

Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes a ler o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito de sua própria história. A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade. (CALDAS, 2006, p. 129).

Como defende o campo da Educomunicação, devem ser criados ecossistemas comunicativos que sejam abertos e possibilitem o exercício da criatividade, do diálogo, de relações horizontais e da troca entre a comunidade escolar, tendo como princípio que todos são receptores e produtores de informação, todos podem ensinar e aprender, todos têm liberdade para interpretar e ressignificarem os textos do mundo.

Para Barthes (2002), inclusive, a interpretação de um texto não é a busca e a atribuição de um sentido, mas a percepção de seus plurais. Calvino (1990, p.23) também diz algo nesse sentido quando refere que “quem me ouve, retém somente as palavras que deseja (...) Quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido”.

Ou seja, um autor não pode prever como cada pessoa vai ressignificar seu texto, ler e interpretar o que escreveu. E é nesse encontro, nessa

descoberta que, para Barthes, está o prazer do texto. Para esse autor, a leitura abre potencialidades para vários sentidos do texto.

A humanidade precisa aprender a descobrir este prazer, precisa ler os textos que estão a sua volta e, para se tornar mais crítica e autoral, saber o que fazer com a tecnologia que está a sua disposição, refletir sobre ela, usá-la a seu favor e dizer sobre seu contexto, seu olhar, sobre o lugar que vive, comunicá-lo sob sua perspectiva, já que a mídia e as tecnologias têm modificado a forma como nos relacionamos, como a informação circula e são também um espaço de identidade e socialização.

O direito à cidade, a um lugar, a seu lugar, é também o direito a dizê-lo, a comunicá-lo, é um direito à comunicação e a espaços de comunicação/representação, que deve ser garantido à populações, como forma de expressão, de criatividade, de reflexão, criticidade, rompimento com a hegemonia dos meios e discursos e possibilidade de uma formação para a cidadania (...). O direito a um lugar é também o direito de ser seu contador de histórias, narrador e cronista de um tempo, de heróis e anti-heróis, personagens anônimos que constroem juntos a alma e as experiências desse lugar. (PARENTE, 2012, p.133)

### Texto Futuro

“O que vão descobrir em nossos textos, não sabemos.

Temos intenções, pretensões inúmeras.

Mas o que vão descobrir em nossos textos, não sabemos.

Desamparado o texto, desamparado o autor, se entreolham, em vão.

Órfão, o texto aguarda alheia paternidade.

Órfão, o autor considera entre o texto e o leitor a desletrada solidão”.

Afonso Romano de Sant’anna

### Referências Bibliográficas:

AGUADÉD GOMÉZ, J. I. **Educar em la sociedad de la televisión**. Saberes e práticas na formação de professores e educadores. Actas das Jornadas DCILM, Braga: Universidade do Minho, p.13-29, 2003

BARTHES, Roland. **S7Z, uma análise da novela Sarrassine de Honoré de Balzac**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

BELLONI, M.L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

CALDAS, Graça. Mídia, Escola e Leitura crítica do mundo. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, Vol. 27, Nº94, p.117 - 130, Jan/Abril, 2006.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação** – Conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006

FECÉ, J.L. Leitura crítica dos media audiovisuais, in Tornero, J. M. P (coord). **Comunicação e Educação na Sociedade da Informação**. Novas Linguagens e Consciência Crítica. Porto: Porto Editora, p.107-133, 2007.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. São Paulo: Artmed, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. EGA, 1996.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LP&m, 2002

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MASTERMAN, Len. **La enseñanza de los medios de comunicación**. Madrid: Ediciones La Torre, 1993

MASTERMAN, Len. **L'Éducation aus Média dans l'Europe des années 90**. p.21 -53. Les éditions du Conseil de l'Europe, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2002

Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación, 1º ed, Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005

PARENTE, Cristiane. **Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso**. 2012. 149, 42 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Educomunicação - O conceito, o profissional, a aplicação**. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo:Paulinas, 2011.

TERRERO, J.M.T.Y. O impacto moral e social dos meios de comunicação. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, (7): 38 a 44, set./dez. 1996

VIVARTA, Veet. **Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004